

"QUERO ATUAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL, MEU NOME É DAVI": A ACOLHIDA E OS DESAFIOS DO PROFESSOR DE GÊNERO MASCULINO NO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Davi Brígido¹

Gislene Camargo²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a percepção de acadêmicos(as) de Pedagogia, acerca da atuação de profissionais do gênero masculino na Educação Infantil. Essa temática decorre da reflexão sobre o curso de Pedagogia, que tem como predominância, o gênero feminino. A Educação Infantil já evoluiu quanto aos documentos regulatórios, mas há alguns aspectos que precisam de um olhar atento, como a entrada de professores do gênero masculino, nas creches os principais autores que embasam teoricamente a pesquisa são Kramer (2005), Butler (2021), legislação brasileira (2018), Ramos (2011), entre outros. A pesquisa se caracteriza como qualitativa, com dados coletados no campo educacional. O instrumento de coleta de dados por entrevista, com um roteiro de perguntas semiestruturadas. Os sujeitos da pesquisa foram sete (7) estudantes do curso de Pedagogia, matriculados de 1ª a 8ª fase. O cuidar e educar na Educação Infantil são processos inseparáveis, e não estão relacionados à gêneros. Os(as) entrevistados(as), reconhecem que o gênero é uma construção social e cultural, não devendo determinar o jeito ou a capacidade de um indivíduo para trabalhar com crianças. Os estudantes se posicionaram em defesa da atuação de professores do gênero masculino na Educação Infantil e defenderam uma gestão participativa, com o envolvimento das mães e pais das crianças. Eles sugerem que a presença de professores do gênero masculino na Educação Infantil é fundamental para desafiar estereótipos de gênero e preconceitos, promovendo uma abordagem mais inclusiva. Desse modo, este trabalho busca contribuir para uma Educação Infantil mais inclusiva e igualitária, onde o cuidado e a educação são realizados sem distinção de gênero, promovendo os saberes e o ensino para as crianças.

Palavras-chave: Curso de Pedagogia. Educação Infantil. Gênero masculino.

ABSTRACT: This article aims to analyze the perception of Pedagogy students regarding the role of males in Early Childhood Education. This theme arises from reflection on the Pedagogy course, which is predominantly female. Early Childhood Education has evolved in terms of regulatory documents, but there are some aspects that require careful consideration, such as the inclusion of male teachers in preschools. The main authors theoretically underpinning the research include Kramer (2005), Butler (2021), Brazil (2018), Ramos (2011), among others. The research is characterized as qualitative, with data collected in the educational field. The data collection instrument was interviews with a semi-structured questionnaire. The research subjects were seven (7) Pedagogy students enrolled in the 1st to

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 8, nº1, janeiro/junho - 2024.– Curso de Pedagogia– UNESC

8th semesters. Caring for and educating in Early Childhood Education are inseparable processes and are not related to gender. The interviewees acknowledge that gender is a social and cultural construct and should not determine an individual's ability or approach to working with children. The students advocated for the involvement of male teachers in Early Childhood Education and promoted participatory management involving the mothers and fathers of the children. They suggested that the presence of male teachers in Early Childhood Education is essential to challenge gender stereotypes and prejudices, promoting a more inclusive approach. Thus, this work aims to contribute to a more inclusive and equitable Early Childhood Education, where care and education are provided without gender distinctions, promoting knowledge and learning for children. This study is a call to break gender patterns in Early Childhood Education and to recognize the competence of male professionals in this field, encouraging a more sensitive and equitable approach to caring for and educating children.

KEYWORDS: Pedagogy Course. Early Childhood Education. Male gender.

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Docente em turmas de Ensino Integral e especialista em Contação de Histórias e Musicalização na Educação Infantil pela Faculdade Educa Minas. Atualmente, é graduando em Publicidade e Propaganda pela UNESC – Ecocria. E-mail: davibrigido@unesc.net

² Mestra em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Docente das disciplinas de Processos Pedagógicos da Educação Infantil e Educação, Gênero e Sexualidades no curso de Pedagogia (UNESC). Coordenadora adjunta do curso de Pedagogia/UNESC. Assessoria Pedagógica Institucional. E-mail: gislene@unesc.net

1 INTRODUÇÃO

Em pleno século XXI, algumas profissões ainda são determinadas pelo gênero, um exemplo é a preferência pelo gênero feminino para atuação na Educação Infantil. Essa preferência está relacionada com a maternidade, com o feminino e suas características que foram sendo ditadas socialmente e culturalmente ao longo dos tempos, atribuindo ao feminino o afeto, a delicadeza e o cuidado. Uma exclusão dupla, colocando a mulher e o homem em papéis sociais determinados (Santos, 2014).

No contexto da Educação Infantil, a participação ativa e equitativa de profissionais de ambos os gêneros é fundamental para promover uma abordagem mais abrangente e enriquecedora no cuidado e educação das crianças, especialmente na faixa etária de 0 a 3 anos, em que o cuidado com o corpo e as necessidades básicas prevalece. No entanto, Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 8, nº1, janeiro/junho - 2024.– Curso de Pedagogia– UNESC

é inegável que persistem estereótipos de gênero enraizados na sociedade, os quais se refletem no ambiente educacional.

Esta pesquisa surge de uma motivação pessoal, derivada da experiência do pesquisador, sendo do gênero masculino. Durante a trajetória educacional e experiência nos estágios, deparou-se com barreiras e percepção de acadêmicos(as) de Pedagogia de Pedagogia preconceitos que limitam a atuação nas turmas da Educação Infantil, especialmente com a faixa etária de 0 a 3 anos, no qual o cuidado físico é predominante, onde as escolas têm preferência por atuantes do gênero feminino para lidar com as crianças.

Tais desafios tornam mais evidentes ao se deparar com determinados comentários estereotipados, inclusive no âmbito acadêmico, durante as aulas de “Processos Pedagógicos da Educação Infantil”. O pesquisador se viu diante de comentários de colegas que, de maneira discriminatória e excludente, reforçam estereótipos de gênero ao associarem determinadas atividades de cuidado infantil exclusivamente ao gênero feminino, desconsiderando o potencial e a competência de profissionais do gênero masculino nesse contexto. Da mesma forma, ao fazer a prática no estágio obrigatório na etapa da Educação Infantil, quando se viu barrado pela gestora do Centro de Educação Infantil (CEI).

Diante disso, compreende o problema da pesquisa: qual a percepção dos estudantes de Pedagogia, sobre a atuação profissional masculina com bebês e crianças bem pequenas na Educação Infantil? Como Objetivo Geral se estabeleceu: Analisar a percepção de acadêmicos(as) de Pedagogia, acerca da atuação do gênero masculino na Educação Infantil. E como Objetivos Específicos: Analisar os aspectos do cuidar e educar que compõem a Educação Infantil; compreender o debate sobre gênero na atuação do profissional em Pedagogia; identificar o entendimento de estudantes de Pedagogia, sobre a atuação professor/masculino, com bebês e crianças bem pequenas.

Geralmente os cursos de Pedagogia e conseqüentemente os Centros de Educação Infantil (CEIs), são predominantemente femininos. O curso de Pedagogia oferece diferentes campos de atuação, incluindo Gestão Escolar e Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos quais é comum encontrar pedagogos, do gênero masculino, exercendo a profissão. Durante os estágios obrigatórios e não obrigatórios na Educação Infantil, foi perceptível que os pedagogos são direcionados para turmas de crianças pequenas, com idades entre quatro e

cinco anos, sendo afastados das atividades de cuidado básico, como a troca de fraldas. Nesse contexto, é importante investigar se essas práticas continuam relacionadas à figura feminina, considerada mais apta para atender aos bebês e crianças bem pequenas por serem maternais e mulheres. A afetividade, carinho e amor devem ser parte da experiência humana, da humanidade, e não devem estar relacionados ao gênero.

A formação inicial do curso de Pedagogia engloba uma ampla gama de conhecimentos que servem de base para a atuação profissional tanto das pedagogas quanto dos pedagogos, sem restrições baseadas no gênero. Portanto, a formação do pedagogo habilita-o a atuar na Educação Infantil. Por meio desta pesquisa, espera-se compreender a problemática através da percepção dos estudantes que estão lado a lado, vivenciando o cotidiano da escola, na universidade e compartilhando o mesmo propósito profissional.

O artigo está organizado em seções, incluindo a Introdução que apresenta o motivo da escolha do tema de pesquisa, o Referencial Teórico com os títulos: "As conquistas da Educação Infantil" e "Cuidar e Educar na Educação Infantil: Mulheres, afetividade – Homens, racionalidade", seguido pela Metodologia e Análise dos Dados, Conclusão e Referências.

2 AS CONQUISTAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Uma das conquistas da Educação Infantil foi fazer parte da Educação Básica e ter sua obrigatoriedade a partir dos 4 anos. Com a obrigatoriedade, as políticas públicas precisaram reorganizar os espaços e oferecer esse serviço com maior qualidade para a sociedade. Até pouco tempo no Brasil, qualquer espaço físico poderia ser chamado de creche e pré-escola, no entanto, hoje, há que se cumprir com determinações legais.

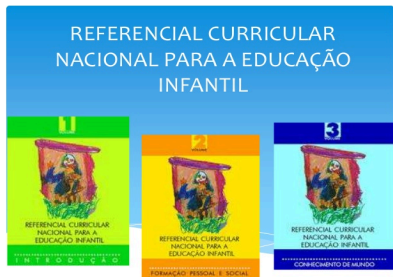
Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as escolas que oferecem Educação Infantil têm como função complementar a educação recebida no ambiente familiar, com ênfase na socialização, autonomia e comunicação, ou seja, já percebe a criança como sujeito social e cultural, que provém de diferentes constituições familiares. Desse modo, legislação brasileira (2018), amplia o olhar para a importância da parceria entre família e escola, reconhecendo e respeitando a diversidade cultural.

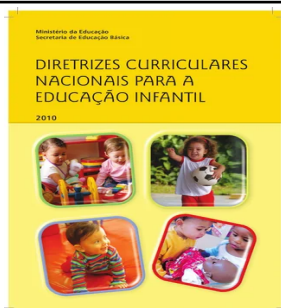
Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 8, nº1, janeiro/junho - 2024.– Curso de Pedagogia– UNESC

Esse momento tão marcante na vida das crianças e das famílias, em que as crianças são gradualmente separadas dos vínculos afetivos familiares para serem incorporadas a uma situação de socialização estruturada, o que necessita de um projeto de acolhimento para as famílias.

A trajetória da Educação Infantil e de suas conquistas, são resultados de pesquisas e lutas acadêmicas e político-sociais. Desde a década de 80, autoras como Sonia Kramer, Maria Carmem Silveira Barbosa, Maria da Graça Souza Horn, Madalena Freire, entre outras, vem contribuindo para a Educação Infantil como direito das crianças ao seu desenvolvimento integral. Nesse caminhar, documentos importantes para a Educação Infantil foram sendo tecidos à muitas mãos:

Quadro 1 - Documentos Reguladores da Educação Infantil

<p>Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998):</p>  <p>Fonte: Ministério da Educação (2018).</p>	<p>Estes documentos ressaltam as conquistas políticas que moldaram o cenário da Educação Infantil no Brasil, principalmente a inclusão dessa etapa no sistema educacional regular por meio da Constituição e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Os volumes não são apenas uma declaração de princípios, mas também um guia prático e informativo. Sua finalidade é oferecer referências e orientações pedagógicas que auxiliem práticas na Educação Infantil. Além disso, os documentos desempenham um papel importante ao apoiar políticas e programas relacionados à Educação Infantil, compartilhando informações, um papel essencial no apoio aos sistemas de ensino estaduais e municipais.</p>
<p>Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2010)</p>	<p>As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) têm como função, orientar as políticas públicas e o desenvolvimento, planejamento, implementação e avaliação das propostas pedagógicas e currículos da Educação Infantil. Este documento regulatório tem como propósito promover a qualidade e a</p>



Fonte: Ministério da Educação (2011).

permanência da Educação Infantil em todo o país.

As DCNEI têm um indicador importante como conquista: foi um documento que foi construído a muitas mãos, como, [...] grupos de pesquisa e pesquisadores, conselheiros tutelares, Ministério Público, sindicatos, secretários e conselheiros municipais de educação, entidades não governamentais e movimentos sociais que participaram das audiências e de debates e reuniões regionais (como os encontros da UNDIME – Região Norte e do MIEIB em Santarém, PA, ocorrido em agosto de 2009; o debate na ANPED, em outubro de 2009). Foram consideradas também as contribuições enviadas por entidades e grupos [...] (Brasil, 2010, p. 34)

Base Nacional Comum Curricular Educação Infantil (2018)



Fonte: Base Nacional Comum Curricular (2023).

A Base tem como objetivo, nortear os currículos de todas as redes de ensino. Ela constitui-se em conhecimentos, competências e habilidades que se espera que os estudantes desenvolvam e alcancem. Referente a Educação Infantil o documento ressalta que é uma etapa da Educação Básica, traz muitas referências das DCNEI, como os eixos do brincar e das interações, o cuidar e educar, as intencionalidades pedagógicas, entre outros. Apresenta os Direitos de desenvolvimento e aprendizagem e os campos de experiências.

Fonte: Do Autor.

Os documentos citados no quadro não são os únicos documentos reguladores da Educação Infantil, porém, são os mais conhecidos em âmbito nacional. O trajeto não foi tranquilo e ainda há muito o que percorrer, para que a Educação Infantil conquiste seu lugar de direito, de cuidados e educação.

É importante considerar as particularidades de cada criança e entender que cuidar e educar são processos diferentes, porém não antagônicos, conforme os documentos do quadro acima. "As leis legitimam esta etapa da educação tão essencial para as infâncias e a educação básica, para que as crianças possam desempenhar um papel ativo, construindo significados sobre si, sobre os outros e sobre o mundo social e natural" (Paim; Camargo, 2022, p. 8).

3 CUIDAR E EDUCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MULHERES AFETIVIDADE X HOMENS RACIONALIDADE

Com os documentos reguladores da Educação Infantil, o cuidar e o educar foram se constituindo, conforme a conquista dos direitos das crianças como cidadãs. O cuidar que nos anos 70 tinham a conotação de assistencialismo, foi ganhando outros significados nos anos 80. De acordo com Kramer (2005), o cuidar e o educar são indissociáveis. Na Educação Infantil, durante muito tempo, o termo "cuidar" esteve associado, aos cuidados de higiene, ou seja, auxiliando as crianças em suas necessidades básicas relacionadas à alimentação, higiene, saúde e vestuário. Conforme a autora, o ato de educar está presente nas ações de cuidado, como trocar fraldas, colocar a criança para dormir, auxiliar na alimentação, oferecer afeto e consolo; essas ações também são reflexos de práticas pedagógicas.

A BNCC enfatiza que, por envolver crianças pequenas e bebês, o cuidar e o ensinar são inseparáveis:

Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, **a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo**. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em **suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar** especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (Brasil, 2018, p. 36, grifo próprio).

Em nenhum momento a BNCC atribui o cuidar e educar de bebês e crianças pequenas ao gênero feminino, destaca a proposta pedagógica e as aprendizagens como processos educativos do cuidar e educar.

Os autores Gonçalves e Antunes (2015), destacam a feminização da docência na Educação Infantil, onde as mulheres assumiram o cuidado dos bebês e das crianças pequenas. Conforme destacado por Kramer (2005), as respostas das professoras e diretoras entrevistadas, revelaram que os cuidados estavam ligados ao corpo que as mulheres são indicadas para esse trabalho, sendo que são maternais; e os homens como são ligados ao racional e devem desempenhar o papel de diretores de escola e professores de adolescentes e jovens.

Convém situar o leitor sobre a concepção de gênero que se entende neste artigo:

Embora a unidade não problematizada da noção de "mulheres" seja frequentemente invocada para construir uma solidariedade da identidade, uma divisão se introduz no sujeito feminista por meio da distinção entre gênero e sexo. Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende a tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. [...] (Butler, 2021, p. 23).

Portanto, quando se trata de problematizar a atuação do gênero masculino na Educação Infantil, busca-se refletir também sobre as percepções dos estudantes de Pedagogia sobre estas questões, ainda tão imbuídas de preconceitos e estereótipos. "A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito" (Butler, 2021, p. 26).

Desse modo, esse artigo compreende o gênero como uma construção cultural, social e as respostas dos estudantes serão analisadas à luz desse conceito, sem determinar categoria ou lugar definido para o gênero. O artigo não fará uma crítica a feminização do Magistério, pois, a mulher ainda sofre com a discriminação no setor profissional, inclusive em relação à disparidade de salário em determinadas áreas.

Nos cursos de Pedagogia ainda há uma maior procura, pelas mulheres, que socialmente não poderiam assumir outras funções e de acordo com Kramer (2005), buscavam

ascensão social, formando-se professoras. Porém, percebe-se uma tímida procura pelo curso de Pedagogia, por homens. Temos alguns professores pedagogos/gênero masculino, que produzem pesquisas sobre o cotidiano da Educação Infantil. Dentre eles, temos o gaúcho, Paulo Fochi, um pedagogo com especialização em Educação Infantil, que por mais de uma década, tem atuado como professor de crianças bem pequenas, demonstrando seu comprometimento com a educação na primeira infância. Paulo Fochi, coordena o Observatório da Cultura Infantil (OBECI), contribuindo significativamente para o campo da Educação Infantil: “A par das peculiaridades do tempo infantil, cabe ao educador cultivar sua capacidade sensível, sua atenção afetuosa para observar as crianças, que devem ser encaradas como portadoras do inédito” (Fochi, 2015, p. 73).

Os estereótipos e preconceitos relacionados ao gênero masculino na Educação Infantil, leva a um estranhamento quando eles desejam exercer essas funções, como mencionado por Ramos (2011), isto é, acompanhado de avaliação e julgamento por parte da escola, da família e da sociedade. No que diz respeito aos preconceitos vivenciados por professores do gênero masculino na Educação Infantil, muitas vezes estão relacionados ao ato de cuidar.

Os homens são associados ao papel de rudes, além de outros fatores que os levam a não serem considerados bons profissionais ou a não atuarem na Educação Infantil. A presença masculina na figura de professor ainda causa estranhamento nos pais, que ainda veem na figura feminina uma certa incapacidade de praticar maldade contra as crianças por serem vistas como zelosas, carinhosas e exercerem um papel de protetoras, de acordo com Ramos:

Eles [os pais] explicam que, nas ações do cuidar, há restrição apenas para os homens, pois as professoras não representam nenhum tipo de ameaça para as crianças na medida em que trazem consigo a vocação para a maternidade e elas são, por natureza, quem protege e cuida dos filhos com desvelo e são incapazes de cometer maldade contra crianças (Ramos, 2011, p. 107).

De acordo com Ramos (2011), escreve a palavra “ameaça”, portanto, para os pais e responsáveis das crianças é uma ameaça a atuação dos homens na Educação Infantil. Os

homens ainda são vistos como estranhos nesse campo, pois devem ocupar funções de destaque que contemplem a sua masculinidade.

Da mesma forma, o autor Castro (2014), diz que é um processo de estigma fortificado pela sociedade que impõe que os homens são melhores em algumas funções, o mesmo quando se referem às mulheres que possuem o “dom” em outras funções.

Esse ingresso dos professores homens é marcado por inúmeros estranhamentos, interdições e desafios. A presença masculina nesse ambiente predominantemente feminino é cercada de maior cuidado e expectativa, por parte da comunidade e das profissionais. [...] Ficou demonstrado que os professores do sexo masculino, ao ingressarem na Educação Infantil, têm sua sexualidade colocada em suspeição: de um lado, surge o argumento de que esses sujeitos escolheram uma profissão feminina é porque *não são homens de verdade* (Ramos, 2011, p. 161).

Para Foucault (1970, p. 9, grifo próprio) as “interdições” são:

em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a **interdição**. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo. Do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar.

Desse modo, o gênero masculino atuando na Educação Infantil, ou tem sua "masculinidade" questionada, ou sua "masculinidade" é uma ameaça à integridade das crianças. Para Paulo Freire:

“A tarefa de ensinar é uma tarefa profissional que, no entanto, exige amorosidade, criatividade, competência científica, mas recusa a estreiteza cientificista, que exige a capacidade de brigar pela liberdade sem a qual a própria tarefa fenece” (Freire, 1997, p. 9).

Portanto, haverá o cuidar e o educar sensível, sem distinção de gênero, pois ser professor(a) é ser profissional.

4 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Com o transcorrer do desenvolvimento do referencial teórico, foi explicando os conceitos em relação ao problema da pesquisa: Qual a percepção dos estudantes de Pedagogia, sobre a atuação profissional masculina com bebês e crianças bem pequenas na Educação Infantil? Nesse sentido, buscou-se conceituar uma breve trajetória sobre a legalidade e as conquistas da Educação Infantil, além de refletir sobre o cuidar e o educar e os estereótipos relacionados aos gêneros na atuação com bebês e crianças bem pequenas.

A pesquisa é de caráter qualitativo, onde o objetivo foi ouvir estudantes de diversas fases do curso de Pedagogia da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense) sobre a problemática. Para Garnica (2004, p. 5), a pesquisa por método qualitativo é importante pois:

Desenvolve em uma situação natural, é rico em dados descritivos, obtidos por um contato direto com o estudado e o pesquisador sobre o estudo em questão, enfatiza mais o processo do que o produto, retrata as perspectivas dos participantes, tem um plano aberto e flexível mostrando uma realidade contextualizada.

No primeiro momento, foram definidos os sujeitos da pesquisa, baseados nos critérios: dois (2) estudantes por fase, sendo que são 8 fases; sendo um (1) do gênero masculino e um (1) do gênero feminino. Os/as estudantes foram contatados e foram agendadas as entrevistas. Optou-se pela entrevista, para ter contato diretos com os/as estudantes e poder, durante a conversa, reformular as questões, se necessário. A coleta de dados caracteriza-se por ajudar a compreender, no sentido mais amplo, não apenas os resultados da investigação científica, mas também o próprio processo de investigação (Grawitz, 1975).

Alguns estudantes desmarcaram a agenda da entrevista e não conseguiram outras datas, nesse sentido, foram entrevistados(as) sete (07) estudantes. As entrevistas aconteceram em uma sala individual na Biblioteca Eurico Back. As respostas foram transcritas em folhas A4, fonte Arial, tamanho doze (12) e totalizaram em média 23 folhas. As respostas foram

organizadas em dois blocos, sendo o primeiro: "Um professor do gênero masculino, e agora?", com a análise das questões semiestruturadas:

- a) Nos centros de Educação Infantil que você teve ou tem contato, há professores do gênero masculino nas turmas de bebês e crianças bem pequenas?
- b) Quem é mais afetivo com os bebês, professores do gênero masculino ou feminino? Por quê?
- c) Você considera importante a presença de professores do gênero masculino na Educação Infantil? Por quê?
- d) Imagine a cena de uma mãe chegando na creche, no primeiro dia, para deixar o bebê. Ela descobre que o professor da turma é do gênero masculino. E imediatamente vai à sala da diretora e pede explicações. Se você fosse a diretora, o que responderia para essa mãe?

E o segundo bloco: "Olhares de futuras(os) pedagogas e pedagogos sobre a docência de professores do gênero masculino na Educação Infantil", com a análise das questões:

- a) Como acolher os professores do gênero masculino na Educação Infantil?
 - a) Como o **patriarcado**¹ e a sociedade influenciam os papéis atribuídos ao homem e à mulher? Isso afeta a atuação dos homens na Educação Infantil?
 - b) Em sua opinião, houve avanços na desconstrução dos papéis de gênero na sociedade? Como isso se reflete na participação dos homens na Educação Infantil?
 - c) Como as crianças (bem pequenas) reagem à presença de figuras masculinas em sala?

4. 1 Perfil dos sujeitos da pesquisa

¹ “O termo **patriarcalismo** foi comumente utilizado para explicar a condição feminina na sociedade e as bases da dominação masculina. As abordagens, contudo, se mostraram bastante heterogêneas e controversas, a ponto de algumas intelectuais optarem por não fazerem uso do conceito” (Morgante; Nader, 2014, grifo próprio). O **patriarcado** é entendido como: homem, figura que domina o lar e a família está à frente das funções braçais.

No decorrer da pesquisa, os sujeitos foram identificados(as) por meio de associações de cores. Essa escolha se deve ao fato de que na sociedade, diversos marcadores de gênero estão enraizados, um deles são as cores, como o uso do azul para representar o masculino e o rosa para o feminino.

Como aponta Brougère, (2010, p. 98 *apud* Pacahy, 2022), essa prática é parte de um sistema cultural que influencia profundamente a vida das crianças. O autor argumenta que as crianças, em primeiro lugar, estão imersas nessa cultura, e, conseqüentemente, interagem com os conteúdos culturais, reproduzindo, transformando, se apropriando deles e conferindo significado aos mesmos.

Quadro 2 -Perfil dos sujeitos da pesquisa

Pseudônimo/Fase	Gênero	Atua ou atuou na E.I. (estágios ou outros)
<i>Rosa/4^a</i>	Masculino	Sim
<i>Vermelho/5^a</i>	Feminino	Sim
<i>Lilás/5^a</i>	Masculino	Sim
<i>Azul/7^a</i>	Feminino	Sim
<i>Roxo/7^a</i>	Masculino	Sim
<i>Verde/8^a</i>	Feminino	Sim
<i>Branco/8^a</i>	Masculino	Sim

Fonte: Do Autor, 2023/2.

4.2 "Um professor do gênero masculino, e agora?"

Inicialmente, observa-se que todos(as) os(as) participantes desta pesquisa já possuem experiências na Educação Infantil. Durante seus percursos educacionais, atuaram em estágios não obrigatórios, além dos estágios obrigatórios, como no caso de *Rosa*, que também participou de Colônias de Férias para crianças. alguns(as) dos participantes acumularam

experiências mais longas nessa etapa, enquanto outros(as) tiveram contato mais breve, como relatado por *Vermelho*.

Além disso, todos(as) os(as) sete participantes afirmaram que, em suas vivências na Educação Infantil, não havia nenhum docente do gênero masculino atuando com crianças e bebês. Eram exclusivamente professores de Educação Física ou especialistas, mas não pedagogos regentes. Isso é reforçado pelas afirmações de *Azul*²: "Havia apenas um professor especialista, um professor de música, mas ele não era o responsável por conduzir uma turma."

E as afirmações de *Branco*³:

Até o ano passado, tínhamos um professor de Educação Física que desempenhava um papel significativo na Educação Infantil, trabalhando com crianças pequenas. No entanto, ele deixou a escola para assumir um cargo em uma escola pública. Atualmente, temos apenas um professor que ministra aulas de musicalização, mas ele não é o regente ou auxiliar da turma; ele é um professor especialista.

Isso reflete a tendência na Educação Infantil, em que os pedagogos são frequentemente associados à função de cuidar das crianças, em contraposição aos professores de Artes ou Educação Física, que passam menos tempo com as crianças, porém podem atuar com crianças bem pequenas. A resposta de *Verde*⁴ sobre afetividade, ligada ao masculino e feminino, ficou com um significado dúbio:

Eu acredito que as professoras do sexo feminino possam ter um instinto materno e serem mais afetivas. No entanto, já presenciei casos em que os professores do sexo masculino que atuavam na sala de aula eram mais amorosos e carinhosos com as crianças do que as professoras regentes. Portanto, acredito que não seja uma questão de gênero em si, mas sim uma questão individual, de caráter.

Verde mantém sua crença que o instinto materno pressupõe afetividade, e diz que alguns homens, também são afetivos, porém, destaca o caráter individual. Louro (1997), destaca que a Educação Infantil é formada, em sua maioria, por professoras do sexo feminino e argumenta que umas das razões para tal é que o cuidar de crianças está associado à

² Entrevista de pesquisa concedida em 25 de setembro de 2023, na cidade de Criciúma.

³ Entrevista de pesquisa concedida em 24 de outubro de 2023, na cidade de Criciúma.

⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 02 de outubro de 2023, na cidade de Criciúma.

maternidade. Assim, a educação de crianças pequenas não se relaciona à figura masculina, pois não é considerada como função de homens.

Ainda nesse sentido, a Louro (1997), associa a predominância de pedagogas na Educação Infantil a uma concepção tradicional de que o cuidado infantil está ligado à maternidade, o que influencia a ausência de profissionais masculinos nessa área. É evidente que, ao questionar todas as Cores sobre a importância de professores homens atuarem na Educação Infantil, a resposta é afirmativa, destacando a concordância quanto a essa relevância. Isso demonstra um consenso sobre o valor da presença profissional do gênero masculino no campo educacional. *Roxo*⁵ destaca que é importante e necessário e traz outras contribuições e discussões como:

Para combater estereótipos e preconceitos, especialmente em relação a homens *gays*. Infelizmente, há um olhar preconceituoso que associa homens na Educação Infantil a pedofilia ou malícia. Embora eu pessoalmente nunca tenha ouvido isso diretamente, percebo olhares e comentários em algumas salas. Meu namorado, que gosta da área e fez estágio não remunerado em uma creche, enfrentou críticas quando as crianças descobriram que ele namorava outro homem e contaram aos pais. Precisamos ocupar esse espaço para mudar essa realidade, já que a sociedade constrói esses estereótipos. Vale ressaltar que meu namorado não é pedagogo.

A resposta de *Roxo* ressalta a importância de ter profissionais masculinos na Educação Infantil para desafiar estereótipos e preconceitos, e também compartilha uma experiência relacionada a esses estigmas. Essa resistência é percebida como um obstáculo significativo, e a questão de gênero e orientação sexual desempenham um papel importante nesse contexto.

Foucault (1977 *apud* Butler, 2004) afirma que “a heterossexualização contribui para a criação de oposições discriminatória e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, nos quais esses atributos são percebidos como notáveis expressões de ‘macho’ e ‘fêmea’”. Isso acaba com a ideia de que devem ser vistas como uma pluralidade de identidades e não uma única identidade, enfatizando a complexidade das questões de gênero e orientação sexual, que podem impactar vários aspectos, incluindo o profissional.

⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 20 de setembro de 2023, na cidade de Criciúma.

Verde responde à questão de maneira enfática: [...] "Para mim é indiferente se é homem ou mulher, fazendo o que tem que ser feito." Destaca-se a importância de focar nas competências profissionais, independentemente de gênero.

Uma das questões, trouxe uma situação para que imaginassem a cena da mãe chegando na creche e encontrando um professor do gênero masculino e indo na direção para pedir explicações e os(as) entrevistados(as) teriam que responder como se fossem a/o diretora/diretor. Os entrevistados(as) ficaram pensativos(as) e refletiram antes de responder. Já *Vermelho*⁶ respondeu:

[...] Se eu fosse a diretora nessa situação, como mãe de duas crianças, eu entenderia os receios dos pais. No entanto, como gestora, é importante conhecer bem o professor em questão antes de tomar qualquer posição e representá-lo corretamente. É fundamental reconhecer que os homens também passam por um processo de aprendizado e cuidado semelhante ao das mulheres ao lidar com crianças pequenas.

A *Vermelho* demonstra titubear entre o papel de mãe e de gestora. Como mãe, questionaria, como gestora, *Vermelho* corrobora que os homens possuem a capacidade de exercer o cuidado e lidar com crianças pequenas, achando importante ter contato com o novo professor antes do julgamento prévio, ou seja, oportunizar. Para *Rosa*⁷, seria importante uma roda de conversa com o profissional e os pais:

Primeiramente eu buscaria situar a mãe, referente ao currículo formativo do professor. Afinal, é entendível a preocupação dos familiares frente a esse processo adquirir a confiança dos cuidados de sua criança a uma pessoa que acabara de conhecer. Posteriormente, se acarretar a existência de relutância em aceitar o profissional homem como professor, buscar uma roda de conversa com o profissional, a fim de que ele, através de seu conhecimento adquirido ao longo de seu percurso formativo, explique sua metodologia de ensino e cuidado.

Rosa destaca o currículo formativo, o lado profissional, as competências do professor e sugere reunião com os pais e forma de roda de conversa, demonstrando uma gestão participativa e democrática. Ramos (2011, p. 156, grifo próprio) ressalta que o professor do gênero masculino é visto como uma ameaça, e em sua pesquisa revela que:

⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 25 de setembro de 2023, na cidade de Criciúma.

⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 24 de outubro de 2023, na cidade de Criciúma.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 8, nº1, janeiro/junho - 2024.– Curso de Pedagogia– UNESC

Algumas professoras, ao se colocarem no lugar de mães, afirmaram que também elas se sentiriam inseguras com um professor homem no cuidado e educação de seus filhos e filhas. **Somente após de comprovada a capacidade e a competência desses sujeitos e instaurada a confiança**, as professoras passam a tratá-los como iguais.

Nesse sentido, *Rosa* e Ramos (2011) concordam que a competência profissional é importante para que pais e mães confiem no professor do gênero masculino. Portanto, percebe pelas respostas dos(as) entrevistados(as), que ainda há um longo trajeto a percorrer até os professores do gênero masculino serem bem acolhidos na Educação Infantil. Os(as) entrevistados(as) são estudantes do curso de Pedagogia, com a participação na entrevista, certamente refletiram sobre o assunto e podem começar a mudar a situação.

4.3 "Olhares de futuras/os pedagogas e pedagogos sobre a docência de professores do gênero masculino na Educação Infantil"

Para os(as) entrevistados(as) a acolhida dos professores precisa de uma apresentação, e uma acolhida profissional vinda de todo o ambiente escolar. Para *Rosa* é mais que uma questão de como acolher ou não se é um professor, ou uma professora e sim de respeito como argumenta:

[...] Portanto, exige-se respeito acima de tudo. Assim como a professora mulher também merece ser respeitada por sua profissão. Em tempos de luta contra a classe dos professores, desvalidação da importância do papel do professor em sala de aula, da guerra de narrativas enviesadas contra a prática docente. É necessário que tenhamos o respeito entre os colegas de profissão e que venhamos respeitar os espaços de cada um. Buscando, juntos, combater a modernidade líquida que cada vez mais busca individualizar os profissionais da educação.

Branco possui a mesma percepção e entendimento e ainda enfatiza que para os homens que atuam na Educação Infantil é comum receber esse questionamento:

[...] É uma pergunta comum, mas talvez não seja a palavra certa para responder, pois é necessário acolher um professor homem da mesma forma que se acolhe qualquer professora.

É necessária a igualdade de oportunidades e a necessidade de tratar um professor homem da mesma forma que uma professora mulher, pois ambos têm a mesma formação e preparação profissional. *Branco* ainda destaca a importância de estar ao lado desse professor em situações de preconceito ou insegurança, seja como diretor, coordenador pedagógico ou colega de trabalho. A demonstração de confiança e apoio é fundamental para ajudar o educador a superar eventuais desafios ou inseguranças que possam surgir devido às expectativas sociais. Não há diferença entre um professor do gênero masculino e uma professora do gênero feminino no ambiente educativo, qualquer distinção que exista baseia em preconceitos da sociedade, mas, dentro do contexto educacional, ambos são igualmente professores.

Sem dúvida, a identidade profissional de um educador é moldada ao longo de sua jornada, não apenas como professores, mas também como estudantes influenciados por seus próprios professores. Carregamos conosco as impressões e influências daqueles que nos ensinaram, sejam elas lembranças positivas que nos inspiraram ou lembranças negativas que nos ensinaram lições importantes.

Nas palavras de Arroyo (2000, p. 124 *apud* Engers; Gomes, 2007, p. 523):

carregamos a função que exercemos, quem somos e a imagem do(a) professor(a) que internalizamos”. As “imagens e autoimagens” que fazemos como educadores de nossa profissão, conforme expressam os autores, dizem respeito às imagens que construímos dos professores que tivemos e também de nós mesmos. Imagens, estas, que são frutos, também, de representações sociais que buscam ditar quem “somos”.

Nesse sentido, ter diferentes referências na Educação Infantil estende os saberes das crianças.

Em relação sobre como o patriarcado influencia negativamente no processo da acolhida dos professores homens na Educação Infantil e se já houve avanços referente a isso, *Lilás*⁸ salienta:

[...] Sobre como ao longo da história houve uma divisão de papéis de gênero, com as mulheres muitas vezes assumindo papéis de cuidado e os homens mais voltados para o ensino e atividades intelectuais. No entanto, é fundamental reconhecer que

⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 25 de setembro de 2023, na cidade de Criciúma.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 8, nº1, janeiro/junho - 2024.– Curso de Pedagogia– UNESC

essa divisão tradicional de papéis não reflete a diversidade de habilidades e interesses de indivíduos. Hoje em dia, a perspectiva da Educação Infantil evoluiu, e reconhecemos que a educação e o cuidado são intrinsecamente interligados. A Educação Infantil não se limita ao cuidado básico, mas também envolve a promoção do desenvolvimento das crianças por meio de atividades educacionais”.

A resposta de *Lilás* enfatiza a conexão entre o cuidar e educar, que vai ao encontro de Kramer (2003), que preza pelo acolhimento da criança tanto quanto pelo currículo. Para a autora, a Educação Infantil é muito mais que educar/cuidar e ensinar, é acolher as crianças, e valorizá-las como sujeitos. Essa abordagem estabelece uma visão integrada do desenvolvimento das crianças, considerando seus saberes, conhecimentos e direitos, reconhecendo-as como seres históricos e sociais dentro da sociedade.

Além disso, Scott (1990 *apud* Nascimento, 2012, p. 22):

defende uma visão mais ampla de gênero, que inclui não só o parentesco, mas também o mercado de trabalho que é sexualmente segregado. [...] para ela [...] gênero tanto é construído através do parentesco, como também pela economia, pela organização política, enfim, por outros lugares igualmente fundantes.

Fala muito de como os pais, professores, comunidade e sociedade veem e percebem a figura masculina na Educação Infantil, mas como é o olhar das crianças? Como elas reagem? Todas as cores argumentaram em suas respostas que para as crianças é indiferente, não as incomoda, visto que muitas vezes a influência é dos pais e vêm dos seus lares. Como *Roxo* constata:

Como uma mulher, acho engraçado quando o pai do bebê não tem barba. Quando eu chegava na creche, o bebê chorava por causa disso, mas depois descobri que era porque o pai não tinha barba. A reação é a mesma de uma mulher, pois esse adulto (pai) de referência cuida e educa a criança da mesma forma.

Roxo descreve que para as crianças o professor homem é tratado da mesma maneira que a professora mulher e ainda relata que as crianças remetem características do professor à figura paterna não como o "chefe da casa", mas sim, de amor e cuidado. De acordo com Fochi (2015), a afetividade não tem gênero e as crianças irão sentir a

sensibilidade, o amor e o respeito como serão acolhidas na Educação Infantil e como irão viver o cotidiano na instituição.

Os olhares dos/das estudantes de Pedagogia demonstram clareza quanto aos estereótipos e preconceitos sociais quanto ao gênero masculino na Educação Infantil e em suas respostas colocam seus comprometerimentos para promover mudanças essenciais às quebras desses preconceitos.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa revela importantes reflexões sobre a presença de professores do gênero masculino na Educação Infantil e sua importância. Os(as) participantes da pesquisa demonstraram uma compreensão profunda sobre a necessidade de acolher e respeitar igualmente os professores, independentemente do seu gênero, enfatizando a importância de se concentrar nas competências profissionais.

O estudo também destaca a resistência e os estereótipos enfrentados pelos professores do gênero masculino, inclusive relacionados à orientação sexual, e à importância de desafiar tais preconceitos. A divisão tradicional de papéis de gênero ao longo da história, na qual as mulheres eram associadas ao cuidado e os homens ao ensino e atividades intelectuais, atividades braçais, de guerra, etc. Foi discutida como um desafio a ser superado.

Salienta a necessidade de ampliar as pesquisas sobre a temática levantada, propiciando um campo de discussão maior e mais sólido, que possa possibilitar a desmistificação de estereótipos registrados neste trabalho.

Os(as) participantes destacaram que a Educação Infantil envolve tanto o cuidado quanto os saberes e o desenvolvimento das crianças por meio de atividades pedagógicas. A pesquisa também mencionou a influência do patriarcado e como essa divisão de papéis de gênero remonta ao século XIX. No entanto, notamos que a perspectiva sobre a Educação Infantil evoluiu ao longo do tempo, reconhecendo a interligação entre educação e cuidado.

A importância de ensinar as crianças sobre o amor, independentemente do gênero do professor, e o impacto positivo que os educadores podem ter nas vidas das crianças foram ressaltados.

Concluindo, os resultados da pesquisa destacam a importância da igualdade de oportunidades e do respeito na Educação Infantil, independentemente do gênero dos professores. A presença de professores do gênero masculino na Educação Infantil é fundamental para desafiar estereótipos de gênero e preconceitos, promovendo uma abordagem mais inclusiva. Que essa pesquisa possa ser fonte de inspiração para os homens que desejam atuar na Educação Infantil e que estão cursando Pedagogia e ainda fazem leitura deste artigo.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 4 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: Secretária de Educação Básica, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 4 out. 2023.

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e cultura. São Paulo: Cortez, 2010.
PACAHY, Fernanda. (Org.). Brinquedo, gênero e educação infantil: uma análise de experiências em salas de aula. Educação em Revista, v. 23, n. 1, 2022.

BUTLER, Judith. **Lenguaje, poder e identidad**. Bahia: Ministério Público do Estado da Bahia, 2004. Disponível em: <http://dspace.sistemas.mpba.mp.br/jspui/handle/123456789/755>. Acesso em: 9 nov. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/869762/mod_resource/content/0/Judith%20Butler-Problemas%20de-g%C3%AAnero.Feminismo%20e%20subvers%C3%A3o-da%20identidad-e-Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira-%202018.pdf. Acesso em: 10 nov. 2023.

CASTRO, Fernanda F. **O giz cor-de-rosa e as questões de gênero: os desafios de professores frente à feminização do magistério**. 2014. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, 2014. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1045/1/FernandaFrancielle.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

ENGERS, M. E. A.; GOMES, V. dos S. Conselhos de Classe como espaço de educação continuada de professores. **Educação**, [S. l.], v. 30, n. 3, p. 517-52, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/2747>. Acesso em: 10 nov. 2023.

FOCHI, Paulo. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?**. Porto Alegre: Editora Penso, 2015. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=MyK6CAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=+FOCHI,+Paulo.+Afinal,+o+que+os+beb%C3%AAs+fazem+no+ber%C3%A7%C3%A1rio%3F+Penso+Editora,+2015.&ots=Rg9O0xMW6k&sig=mUv_OBEBEwVZ3FOni_3smgs3pjM#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 10 nov. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1970. Disponível em: https://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465_ARQUIVO_textoANPUH.pdf. Acesso em: 10 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

GONÇALVES, Josiane Peres; ANTUNES, Jéssica Barbosa. Memórias de professores homens que trabalharam como docentes de educação infantil e suas representações sociais. **Interfaces da Educação**, v. 6, n. 16, p. 134–153, 2015. DOI: 10.26514/inter.v6i16.440. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/440>. Acesso em: 10 nov. 2023.

GRAWITZ, M. Métodos das ciências sociais. **Estudos internacionais**, [S. l.], v. 5, p. 1-4, 8 jan. 1975. Disponível em: <https://app.amanote.com/v4.0.53/research/note-taking?resourceId=eptF3HMBKQvf0Bhi6HYA>. Acesso em: 9 nov. 2023.

KRAMER, Sonia. **Profissionais da Educação Infantil**: gestão e formação. São Paulo: Ática, 2005.

KRAMER, Sônia. **A Política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5746708/mod_resource/content/4/G%C3%AAnero%20e%20Sexualidade%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20-%20uma%20perspectiva%20p%C3%B3s-estruturalista%20-%20Guacira%20Louro.pdf. Acesso em: 9 nov. 2023.

MIGUEL, Antonio; GARNICA, Antonio V. M.; IGLIORI, Sonia B. C.; D'AMBRÓSIO, Ubiratan. A educação matemática: breve histórico, ações implementadas e questões sobre sua

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 8, nº1, janeiro/junho - 2024.– Curso de Pedagogia– UNESC

disciplinarização. **Revista Brasileira da Educação**, n. 27, p. 70-210, set./dez. 2004.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/rbedu/a/qHNhYPrDsJNSbGwhWHKPywt/?format=html&lang=pt#>.

Acesso em: 9 nov. 2023.

MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. **O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico**. Anais do. XVI Encontro Regional de História da ANPUH, 2014. Disponível em:

https://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465_ARQUIVO_textoANPUH.pdf. Acesso em: 9 nov. 2023.

NASCIMENTO, Priscila da Silva. **Mulheres zapatistas: poderes e saberes**. Uma análise das reivindicações das mulheres indígenas mexicanas na luta por seus direitos – anos 1990. 2012. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista “Julio De Mesquita Filho”, Marília, 2012. Disponível em:

https://marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciasSociais/Dissertacoes/nascimento_ps_me_mar.pdf. Acesso em: 12 nov. 2023.

PAIM, Fernanda Regina Luvison; CAMARGO, Gislene. **Trajetórias e conquistas da educação infantil**: das reflexões à legitimidade. Criciúma: UNESC, 2022.

POCAHY, F.; SILVA, D.; SILVA, J. Brinquedo, gênero e educação infantil: uma análise de experiências em salas de aula. **Educação em Revista**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 43–60, 2022. DOI: 10.36311/2236-5192.2022.v23n1.p43. Disponível em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/12868>. Acesso em: 10 nov. 2023.

RAMOS, Joaquim. **Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de belo horizonte – MG**. 2011. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em:

http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_RamosJ_1.pdf. Acesso em: 9 nov. 2023.

SANTOS, Lilian Borges dos. **Gênero e educação infantil: o trabalho de educação e cuidado de um auxiliar do sexo masculino e seus desdobramentos no cotidiano de uma escola infantil**. 2014. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014. Disponível em:

<https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/3196>. Acesso em: 9 nov. 2023.